

## ARTIGO

### Trabalhando a questão raça na escola: uma análise crítica dos discursos acerca do tema

### Working “race” at school: a critical analysis about the discourses on the subject

Nathalia de Ávila Duarte<sup>49</sup>

#### RESUMO

Este relato de experiência docente é uma reflexão sobre a experiência de se trabalhar o tema raça na aula de sociologia e trata mais especificamente dos diferentes discursos raciais que surgem entre os alunos quando o assunto é abordado. Entre falas sérias, discussões acirradas e brincadeiras, percebe-se que certos discursos são recorrentes e variam de acordo com a posição social e racial dos alunos. Enquanto para autodeclarados negros, a palavra racismo tem um significado muito concreto e direto, para autodeclarados brancos, ela produz imagens bastante distintas e essa diferença de percepção gera vários desafios para a prática docente, assim como o polêmico debate sobre cotas raciais nas universidades. Essas são algumas das questões que busquei abordar nesse texto com o objetivo de produzir análises que possam auxiliar professores de sociologia a trabalhar tema tão complexo na escola.

**PALAVRAS CHAVE:** Racismo; Sociologia na escola; Discursos raciais.

#### 1. Introdução

Durante dois semestres letivos, acompanhei uma turma do primeiro ano do ensino médio do Colégio Técnico da UFMG (Coltec) por ocasião do meu estágio docente, no qual tive a oportunidade de lecionar por um mês (8 horas-aula) sobre um tema da minha escolha. Como pesquiso sobre relações raciais no Brasil, optei por trabalhar esse tema com os alunos. Nesse período, além das outras atividades relacionadas ao estágio, desenvolvi também uma pesquisa sobre discursos raciais e autoclassificação racial, na mesma turma onde lecionei. Essa pesquisa teve como objetivo compreender, especificamente, como os estudantes se percebem racialmente, se há uma questão político-identitária nessa autoclassificação e como esse processo se relaciona – ou não

---

<sup>49</sup> Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG. E-mail: [natduarte@gmail.com](mailto:natduarte@gmail.com)

– com os discursos a respeito das relações raciais e, como instrumentos, foram utilizados um questionário e posteriores entrevistas em profundidade com roteiro semiestruturado.

A partir dos resultados dessa pesquisa e das reflexões que a prática docente me proporcionou, achei que seria produtivo registrar os desafios de se trabalhar o tema da raça em uma aula de sociologia com alunos do ensino médio. Dar aula sobre tal tema foi extremamente interessante, já que ele mexe de alguma forma com todos os alunos (sejam eles brancos ou negros), o que faz com que a grande maioria participe ativamente das discussões – coisa nada fácil de se conseguir de alunos entre 14 e 18 anos. Tal experiência me mostrou, na prática, a efetividade da ideia de Paulo Freire, de que um tema que faz parte do dia a dia dos alunos torna o processo educativo muito mais produtivo, uma vez que é possível estabelecer uma intimidade entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos (FREIRE, 1996, p.30).

Durante as discussões em sala de aula, percebi, entretanto, um certo padrão nas argumentações que apareceram e, por considerar tal padrão muito ilustrativo das relações raciais no Brasil de um forma geral, me propus a fazer aqui uma espécie de inventário das posições e discursos dos alunos sobre a temática – juntamente com reflexões críticas a respeito de cada argumento. Considero tal inventário importante, na medida em que pode auxiliar outros professores a lidar com o tema e com as reações ao tema em sala de aula – tendo a consciência, no entanto, de que novas e inusitadas argumentações sempre podem surgir.

A turma de primeiro ano com a qual trabalhei mais intensamente é composta de 28 alunos que possuem entre 14 e 18 anos, sendo que a maioria (22) tem 15 ou 16 anos. Como parte da pesquisa que realizei concomitantemente à prática docente, apliquei um questionário que buscava saber como os estudantes se autotranscreviam livremente, como se autotranscreviam de acordo com as categorias do IBGE e o que levavam em conta nessa classificação. Além de tal questionário, também foi útil aos meus estudos o questionário elaborado e aplicado pelos bolsistas do Pibid – Ciências Sociais, que me possibilitaram a construção de um perfil dos alunos do primeiro ano do Coltec, e especialmente da turma com a qual trabalhei. Apresento aqui os resultados: são doze homens e dezesseis mulheres, dos quais apenas dois trabalham. Exatos 25% dos alunos possuem pais com Ensino Fundamental incompleto, a mesma parcela possui pais com Ensino Médio completo, enquanto outros 25% possuem pais com Ensino Superior Incompleto – o quarto restante se divide entre os demais níveis de escolaridade. Dos vinte e oito, um se declarou amarelo, cinco se declararam pretos, dez se declararam pardos e uma maioria de doze se declarou branca. Se associássemos na categoria “negro” as categorias “preto” e “pardo”, como é comum nas análises sociológicas, teríamos uma maioria de negros (53%). No meu questionário,

no entanto, optei por perguntar aos alunos pretos e pardos se eles também se colocavam na categoria negros. O resultado foi que, de quinze pretos e pardos, oito se consideraram negros. Com essa informação, temos que há na turma uma maioria de não-negros que constitui 63% dos estudantes, frente a 29% de negros autodeclarados (os 8% restantes não souberam ou não responderam).

As respostas aos questionários também forneceram importantes informações sobre os critérios utilizados por esses jovens na sua autotaxação racial: 96% da turma utiliza a cor da pele como critério. A ascendência familiar é critério para 39% e a identificação política e/ou cultural é relevante para 14%. Em resposta à pergunta “Você já recebeu algum tratamento diferenciado por causa da sua cor/raça”, 25% dos jovens disse que sim, 57% disse que não e 18% afirmou não saber. Considerarei importante mencionar tais informações antes da exposição e análise dos argumentos, uma vez que tais dados explicam porque são tão diferentes – e muitas vezes conflitantes ou contraditórios – os discursos dos alunos acerca do tema raça e racismo. Por fim, é importante ressaltar o quão privilegiada foi minha pesquisa por poder ser realizada em uma escola com um corpo discente tão heterogêneo do ponto de vista socioeconômico e racial.

## Os discursos

### 2. Há racismo no Brasil?

O primeiro discurso que surgiu, no momento em que o tema foi introduzido aos estudantes, foi a quase unanimidade de que existe racismo no Brasil. Nesse primeiro momento, apenas um aluno disse acreditar que havia preconceito social e não racial, argumentando que “quando um negro é rico, ele não sofre preconceito, todas as mulheres querem casar com ele, por exemplo”. Tal discurso de que o preconceito é social, e não racial, apareceu no entanto com mais frequência à medida que a discussão foi se desenvolvendo, especialmente na aula destinada ao debate sobre as ações afirmativas para negros nas universidades (em especial as cotas). É interessante observar como o discurso se altera, dependendo da pergunta que é feita. Se a pergunta é simplesmente “existe racismo no Brasil?”, poucos ousam dizer que não existe. No entanto, se a pergunta passa a ser “Você é a favor de ações afirmativas para negros?”, em grande parte das vezes, o discurso muda, e a resposta é a de que tais medidas são injustas, já que o problema no Brasil é a desigualdade social, e não racial. A título de exemplificação, cito algumas respostas dos alunos às entrevistas<sup>50</sup>:

---

50 Todos os nomes aqui presentes são fictícios para garantir o anonimato dos alunos

O que interfere na desigualdade ao direito de educação, saúde e segurança são as condições financeiras de cada classe social. (...) Por constituírem a maior parte das baixas classes, os negros saem perdendo, porém não devemos deixar de lado outras raças que se encontram na mesma posição que pessoas de pele negra (Paulo, branco).

Eu acho que tinha que ter cota pra pobres. Pelo fato de uma pessoa ser negra, ela não merece 10 pontos a mais que uma outra pessoa. Não tem justificativa. Tem negro que é mais rico do que eu e estudou em melhor escola (Leandro, pardo).

Eu acredito que tinha que ser social, porque a gente sabe que a maior parte das pessoas de classe baixa é de negros, então ia continuar favorecendo. E tem muitos negros que não precisam dessas cotas, que têm condição de pagar um curso bom e tem muita gente que não é negra também que passa muita dificuldade, as vezes não pode pagar um curso (Bárbara, preta).

É importante ressaltar, no entanto, que durante a discussão a respeito das ações afirmativas, houve uma grande porcentagem de alunos que se posicionou a favor. Segundo as respostas ao questionário, 14% concorda totalmente com a política de cotas, 61% concorda parcialmente, 7% discorda parcialmente, 11% discorda totalmente e 7% afirmou não ter opinião formada. É interessante observar que, dos que concordam parcialmente ou totalmente, a maioria (52%) se declarou preta ou parda, enquanto entre os que discordam parcialmente ou totalmente, uma grande maioria (75%) se declarou branca. Apresento a argumentação de alguns alunos favoráveis:

Eu acho que associando o critério econômico e o racial ia ser bom. Porque eu sei que só 2% dos estudantes universitários são negros. E se quiser que aumente esse número, realmente vai ter que ter essas cotas, pra ter um resultado a longo prazo (Bárbara, preta).

Sou a favor enquanto medida paliativa. Tem que melhorar o ensino público. Mas não tem problema diferenciar negros e brancos porque, se a gente parar pra pensar, já é diferente (Ricardo, pardo).

Eu sou a favor. Eu penso que é necessário tomar alguma atitude para reverter essa situação de preconceitos e discriminação. Ouve-se muito falar "a solução está em melhorar a educação fundamental" ou questões socioeconômicas, mas eu penso que é preciso esse incentivo, um começo. A porcentagem de negros no ensino superior é absurdamente baixa e não basta ficar esperando que eles "se virem" para entrar, se as condições que a sociedade impõe não permitem isso (Israel, branco).

É sintomático que o acirrado debate brasileiro acerca das ações afirmativas para negros na sociedade se reproduza com igual acirramento na sala de aula. E dessa forma, tal debate passa a ser um ótimo instrumento pedagógico quando se trabalha raça na aula de sociologia, principalmente na aula conclusiva, já que nele os alunos podem utilizar todos os novos elementos que a perspectiva sociológica lhes trouxe. Como dito acima, é também um momento interessante para perceber como o discurso sobre a existência ou magnitude do racismo se altera quando a

pergunta diz respeito a um fator que afeta tais alunos diretamente, ou seja, o ingresso no ensino superior. Em tal processo (no qual as mesmas pessoas proferem discursos raciais diferentes em contextos diversos), podemos observar claramente a teoria de Lilia Schwarcz sobre as relações raciais brasileiras em ação. Segundo a antropóloga, um dos principais traços das nossas relações raciais é a subjetividade e a consequente flutuação na autotaxação racial, que depende do lugar, do momento, do sujeito que fala e do que pergunta (SCHWARCZ, 1998, p.229). E, se a autotaxação é tão contextualmente variável, não haveria como os discursos também não serem.

### 3. De qual racismo estamos falando?

Como dito acima, quando o tema da aula é racismo, praticamente todos os alunos concordam em um primeiro momento: existe racismo no Brasil. À medida que as aulas vão se desenvolvendo e as discussões vão surgindo, começa-se a perceber que as concepções que cada aluno têm de racismo são bastante diferentes, já que as experiências pessoais variam muito, dependendo da cor/raça e da posição social em que se encontra. Por esse motivo, é preciso se perguntar: de qual racismo cada um está falando?

Em todas as discussões em sala de aula, assim como nas entrevistas, ficou bastante claro que os alunos que se declararam brancos têm um imaginário bastante peculiar do racismo. A reação mais frequente dos mesmos é chamar atenção para outros tipos de racismo que não o racismo dos brancos contra os negros. Os dois tipos de racismo mais comumente citados são o racismo “dos negros contra eles mesmos” e o racismo “dos negros contra os brancos”, como evidenciam as duas respostas à entrevista:

Sim, [existe racismo,] apesar de não ser explícito, porque é ilegal. Mas eu não conheço casos de racismo. Quer dizer, conheço um caso, de uma vizinha da minha tia que é negra e diz que odeia negros e que a escravidão deveria voltar. Isso é racismo. E também todo mundo fala só do racismo contra os negros, mas se um negro xingar um branco nada acontece (Íris, branca).

Já recebi apelidos ou coisas do gênero por ser muito branco, isso ocorre, mas não me afeta negativamente. Ou então, o que já ocorreu também, de pessoas negras ou morenas que não procuram se relacionar comigo ou com colegas meus. Já percebi que algumas pessoas negras, quando converso, não se envolvem da mesma forma, pelo menos no primeiro contato. Mas, ao longo do tempo, esse "bloqueio", de modo geral, passa. Como geralmente esse contato é na escola, com a convivência isso fica de lado. É um preconceito... Esses casos são raros, mas já ocorreram (Israel, branco).

Esses discursos sobre outros racismos, que não o racismo dos brancos contra os negros, apareceram com grande frequência na sala de aula durante a unidade de raça, sempre proferidos por brancos. Especialmente nos debates sobre as cotas raciais, os dois tipos de suposto racismo (dos negros contra os brancos e dos negros contra eles mesmos) aparecem com extrema frequência, como evidencia a fala de um dos alunos:

A gente é contra a cota racial, porque nós achamos injusto com os brancos (...). Podemos ver hoje brancos estudando muito para fazer o vestibular e as vezes é (sic) desclassificado (sic) por causa da cota (...). Isso é uma forma de racismo contra negros proposta por negros, porque quando eles pedem a cota, eles mesmos afirmam que são inferiores aos brancos (João, branco).

O que parece haver por trás desse discurso é um grande incômodo de falar do racismo dos brancos com os negros (e dessa forma se reconhecer racista, ou integrante de um grupo social racista) e por esse motivo é preciso mudar rapidamente o foco para outros racismos. Pode-se também dizer que tais discursos contêm em si mesmos um aspecto discriminatório, uma vez que culpabiliza os negros pelo racismo que eles sofrem. Isso porque, além dos negros possuírem os piores empregos, as mais baixas rendas, a menor escolaridade e serem ofendidos constantemente ainda são responsabilizados por estarem nessas condições, como se fosse uma escolha deles e não o resultado de uma lógica social perversa.

Os alunos negros, por sua vez, têm uma imagem muito clara do que é o racismo, pois desde sempre tiveram que lidar com ele como parte integrante do dia a dia. Para esses alunos, quando se fala em racismo, o tipo de racismo em questão é claro: é a discriminação que os negros sofrem, pelo simples fato de serem negros. Alguns relatos de discriminação sofrida pelos entrevistados ou por pessoas próximas explicam o tipo de significado que a palavra racismo tem para eles:

Eu estudava em um colégio no Parque Municipal e, na hora que o parque fechava, os guardas sempre pediam pra gente sair e tratavam a gente igual pivete – no grupo tinham vários negros. Uma vez o segurança bateu em um colega meu, que era negro e não bateu em mim, por exemplo, que tenho a pele mais clara. Também já fomos expulsos do Pátio Savassi, porque falaram que não podíamos ficar lá de chinelo, mas com certeza foi preconceito racial, porque é cheio de menina de havaiana lá e com elas ninguém fala nada. Tem muitos outros casos parecidos, poderia contar vários (Ricardo, pardo).

As vezes eu vou comprar alguma coisa com o meu pai e as pessoas já olham, às vezes não atendem a gente, tratam mal. (...) Já aconteceu de eu ir com meu pai em uma loja e não atenderem a gente, uma vez ele até perdeu a paciência, disse que tinha dinheiro pra pagar e todo mundo ficou sem graça. Uma vez no ônibus também, perto da casa da minha avó, eu entrei no ônibus e sentei. E só tinha um lugar no ônibus, que era do meu lado, e aí uma senhora ia sentar, mas não sentou, preferiu ficar em pé. Uma vez no supermercado também, ano passado, uma senhora – geralmente é mais as pessoas mais velhas – disse pro segurança “eu acho que não tinha que entrar negro aqui não”. Falou

pra eu ouvir. Não me afeta muito mais não, você começa a rir da situação. Porque não tem nada que eu possa fazer que vai mudar a mentalidade das pessoas (Bárbara, preta).

Eu acho que tem sim discriminação. Na escola, por exemplo... fica meio implícito. Tem o caso do meu primo... O patrão dele brigou com ele uma vez. Ele trabalha como mecânico e queria subir de cargo. Aí tinha ele e mais dois que também queriam subir de cargo, e ele era o único negro, um era moreno e o outro branco. Aí meu primo foi lá falar porque que ele queria e o patrão dele achou um absurdo ele falar que queria subir de cargo e aí usou o fato dele ser negro pra poder ofender ele. Falou assim: “você é negro, você tem que se colocar no seu lugar” (Vanessa, preta).

Em tais depoimentos, além de ficar claro qual o conceito de racismo que a perspectiva dos estudantes negros traz, podemos perceber quão central é a questão do lugar do negro, como já ressaltou Angela Figueiredo (FIGUEIREDO, 2004). A sociedade brasileira parece ser racialmente harmônica, até que os negros transcendam os lugares que lhes são destinados. Existem alguns espaços nos quais já se espera que os negros estejam: o samba, o terreiro de candomblé, a favela, o boteco, o futebol, os subempregos, a cadeia e etc. Outros espaços sempre foram de domínio dos brancos e a entrada de negros nesses espaços faz aparecer a tensão racial, como as universidades, os postos altos de trabalho, bairros de classe alta, os desfiles de moda e análogos. Nas três falas, tal aspecto aparece: os shoppings da zona sul, lojas e supermercados, assim como postos de trabalho bem remunerados são lugares onde negros não são bem-vindos ou bem-vistos e, em geral, justamente quando os negros transcendem os lugares sociais destinados a eles, é que o racismo aparece. Por tal motivo, é importante tematizar essa questão em sala de aula e problematizar os discursos que retratam a sociedade brasileira como uma sociedade racialmente harmônica especialmente chamando a atenção para a resistência que os brancos apresentam com relação à entrada de negros nas universidades – espaços sociais até pouco tempo quase totalmente brancos.

#### **4. Discursos, formatos e (des)valorizações**

Os discursos raciais em sala de aula aparecem de diversas formas, ao mesmo tempo que muitos alunos se pronunciam em tom sério, há sempre uma grande parcela de piadas e brincadeiras acerca do tema, e é muito interessante observar tais momentos. Durante a observação da aula de sociologia em outras turmas do COLTEC, pude presenciar vários momentos interessantes em que o tom de brincadeira foi usado para abordar o tema: em uma discussão sobre as conotações políticas e origens históricas dos termos “preto” e “negro”, o único aluno negro da sala (que se identificava como tal e que também era o de pele mais escura) foi alvo de algumas piadinhas. Nesse momento, ele recorre à autoridade da professora: “Professora, ele está

me chamando de negritude!”, reclamando, mas rindo ao mesmo tempo, os outros alunos também riam da situação. Em outra turma, um aluno, durante uma explicação a respeito do que é preconceito, disse como exemplificação: “Se por exemplo alguém fala 'odeio preto e odeio viado'(...)”, nesse momento, o único aluno negro da turma (que se identificava como tal e que também era o de pele mais escura) disse “O que que é isso?!”, falando em tom de brincadeira, mas sem deixar de falar sério. No que o aluno que proferiu as palavras riu e disse que era só uma forma de exemplificar. Quando a professora falava sobre o conceito de estereótipo, ela exemplificou da seguinte forma: “Falar que todo negro é musculoso, por exemplo, é um estereótipo”. No que os alunos riram e concordaram que nem todo negro era assim, apontando para o único aluno negro, este por sua vez, mostrava o muque, e dizia que era musculoso sim. Nessas situações podemos perceber como a questão da negritude é abordada, como a maioria das questões entre jovens dessa idade, em tom de brincadeira e entre risadas. Esse tom de brincadeira, no entanto, só se fez presente em turmas onde haviam alunos que se auto-identificavam como negros. Em outras turmas, mesmo com a presença de alunos que poderiam se declarar negros, essa autoafirmação não apareceu, o que, aparentemente, gerou uma atmosfera mais austera e delicada a respeito do tema. Em turmas onde ninguém se auto-declarou negro durante as discussões, surgiram brincadeiras entre os brancos, que ficavam comparando seus tons de pele e dizendo se eram brancos, pardos, ou negros. Um aluno de pele branca disse que era negro em tom de brincadeira, no que um colega disse que não. Parece portanto que o tom de brincadeira funciona como uma proteção, já que todos se sentem um pouco desconfortáveis quando têm que abordar o tema de forma séria. É também uma certa válvula de escape, que permite que os alunos se expressem a respeito de um tema que raramente é verbalizado por constituir uma espécie de tabu. Sendo assim, é muito importante que o professor de sociologia, ao trabalhar essa tema, consiga inserir tais piadas na discussão e aproveitar a riqueza que elas apresentam em termos de análise sociológica.

Um outro formato recorrente de expressão de um ponto de vista sobre o tema foi o conflito, ou seja, as discussões entre dois ou mais alunos, especialmente quando se tratava de mérito e de cotas para negros. Em uma turma, um aluno, branco, disse que o problema da desigualdade de acesso dos negros à educação não era um problema social, era falta de esforço dos negros, que não estudavam o suficiente. Quando o aluno disse isso, vários alunos discordaram exaltadamente, inclusive uma aluna negra, que estava sentada perto dele, que falou com muita energia que não se tratava de falta de esforço. Em duas turmas, também presenciei a seguinte situação: um negro e um branco discutindo sobre as cotas para negros, sendo o negro favorável à política, e o branco contrário. Cabe ao professor ter jogo de cintura para lidar com tais situações



de conflito, que quando não tomam proporções mais sérias, podem também ser incorporadas à aula e trabalhar como um instrumento de aprendizado.

Além dos já citados, dois outros discursos bastante incomuns apareceram pontualmente. O primeiro foi o discurso do orgulho da negritude, que normalmente em adolescentes dessa idade ainda não aparece muito consolidado. Em uma das aulas, uma aluna negra afirmou também que tinha orgulho da sua cor e que, se pudesse nascer de novo, escolheria nascer negra. A mesma aluna, no momento que se discutia a questão da identidade negra como sendo algo além da cor da pele: “Professora, eu tenho uma teoria a respeito disso: acho que ser negro não é ter a pele escura ou cabelo crespo, ser negro é ser livre”. O segundo discurso que me surpreendeu, foi um discurso orientado por determinismos biológicos: quando o tema da aula foi o racismo científico do século XIX, alguns alunos argumentaram que existia sim uma diferença biológica entre as raças e que a miscigenação, ou seja, a reprodução entre seres de raças diferentes, “aumentava a probabilidade de seres defeituosos”. Os mesmos alunos citaram pesquisas que apontavam que os negros tinham uma maior facilidade para as atividades físicas, facilidade essa que seria geneticamente determinada. Em mais de uma sala essa pesquisa foi citada. Tais discursos geneticistas, apesar de não tão comuns, sempre podem aparecer e o ideal é que os professores preparem um material que contradiga tais teorias de antemão, uma vez que elas, além de incorretas e desatualizadas, são muito perigosas, no sentido de que reforçam estereótipos, ao mesmo tempo que naturalizam e justificam preconceitos.

## 5. Considerações Finais

Trabalhar uma temática tão complexa como é o racismo em uma aula de sociologia no ensino médio definitivamente não é uma tarefa fácil. Como podemos ver, a diversidade de pontos de vista, argumentos e atitudes frente ao assunto é muito grande e oferece uma série de desafios à prática docente. De brincadeiras a discussões acirradas, as formas pelas quais os discursos raciais tomam formas são imprevisíveis, mas no exercício de professor, o ideal é que todas elas sejam incorporadas de certa forma à aula e não simplesmente reprimidas, uma vez que são nesses momentos que os alunos se sentem mais à vontade para efetivamente conversar sobre o assunto, sem a auto-censura que aparece nas falas sérias e refletidas em sala de aula.

Apesar de todas as dificuldades, é muito importante que o tema do racismo não deixe de ser trabalhado em sala de aula. Como dito anteriormente, a aula de sociologia é um dos poucos espaços onde os estudantes podem conversar livremente sobre o tema, processo essencial no combate à discriminação. Cabe a nós, professores de sociologia, problematizar as posições dos

alunos, apresentar novos pontos de vista e novas ferramentas críticas para enxergar o mundo e modificar ações e práticas cotidianas. Espero ter contribuído com esse relato para que o tema seja cada vez mais trabalhado e da melhor forma possível na escola.

## 6. Bibliografia

FIGUEIREDO, Angela. *Fora do jogo: a experiência dos negros na classe média brasileira*. *Cad. Pagu*, no.23: 199-228, 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SCHWARCZ, Lilia M. *Nem preto nem branco, muito antes pelo contrário: cor e raça na intimidade*. In: *História da vida privada no Brasil*. Vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.